



João Alves das Neves

A Revista «A Águia», o Brasil e os Brasileiros

A leitura superficial da revista *A Águia*, principalmente na 2.ª série, documenta o enorme interesse dos mentores da Renascença portuguesa pelo Brasil.

Em praticamente todas as edições, encontramos textos de autores brasileiros ou de portugueses sobre o Brasil, subscritos por alguns dos maiores vultos das Letras e da História de ambos os países, o que para o leitor de hoje é, no mínimo, surpreendente, considerando o pouco interesse da maioria das publicações portuguesas acerca da problemática brasileira. Evidentemente, o inverso é verdadeiro: na imprensa do Brasil são raros os estudos ou comentários sobre a actualidade portuguesa. Salvo honrosas excepções, entre as quais incluímos as revistas *Colóquio*, *Letras* e *Nova Renascença* e os suplementos *Cultura* (tanto o de *O Comércio do Porto* como o de *O Estado de S. Paulo*).

Como se sabe, depois dos 10 n.º da 1.ª série da revista *A Águia* (1/XII/1910 a Julho de 1911), foi talvez a 2.ª série mais significativa, pois começou em 1912 sob a direcção literária de Teixeira de Pascoaes. E logo nos primeiros fascículos (vol. II) encontramos colaboração de Emílio de Menezes, Matheus de Albuquerque, Carlos Maul (que seria um dos mais assíduos colaboradores brasileiros da publicação ao tempo impressa no Porto), Carlos Malheiro Dias e Costa Macedo (correspondente no Brasil), além de uma nota crítica de Teixeira de Pascoaes sobre *A Escarpa* e *Esboços literários*, de Almachio Dinis e Adherbal de Carvalho: «Seria muito grato ao meu espírito referir-me desvotadamente às obras de tão ilustres escritores, o primeiro dos quais eu admiro há bastante tempo, pois a sua obra já é grande e o seu nome muito conhecido e considerado entre nós, portugueses, que amamos com especial amor todas as dádivas espirituais que o Brasil nos envia. O segundo pertence aos novos que principiam e representam, sobretudo, a esperança, entre os quais também se destaca uma bela figura de poeta que é Carlos Maul».

No vol. III, há um conto de Abner Mourão e outros textos de C. Maul, Durval de Moraes e Tomas Lopes. No vol. IV, destaca-se uma carta do ensaísta Raul Proença ao escritor José Veríssimo, na qual o primeiro reafirma considerações do outro acerca de «o terror português» (foi em 1913, período de instabilidade e bombas, em Portugal). Lá veio também, nos fascículos desse volume, o

conto «Um e outro» de Lima Barreto, artigos e poemas de Lindolfo Xavier, Carlos Maul, notas sobre a actualidade brasileira e 8 ilustrações de um grande pintor (e caricaturista), Correia Dias, que mais tarde imigraria para o Brasil, onde casou com a jovem escritora Cecília Meireles.

Emílio de Menezes volta a aparecer com um soneto («Ibiscus Marilis - Malva ou Rosa Louca»), no vol. V, de 1914, no qual se encontram igualmente uma resposta de Pascoaes a António Sérgio (que em 1913 chegara ao Rio) à conferência sergiana «O problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares», quando os dois já discutiam publicamente as suas discordâncias em torno do saudosismo. Havia ainda uma crítica de Jaime Cortesão sobre o pintor António Carneiro, director artístico de *A Águia* e que nesse preciso momento viajava para o Brasil, a fim de expor os seus últimos trabalhos. E nesse volume se acha também um artigo de Vergílio Correia, datado de Lisboa, Março de 1914, com o título de «A exposição Correia Dias», que fechava com as seguintes palavras: «Correia Dias vai para o Brasil expor os seus trabalhos, tentar aplicar as suas aptidões de artista decorador. Que a fortuna lhe não faça esquecer que além de tudo o mais a Etnografia portuguesa espera o seu concurso como ilustrador, porque outro não há quem compreenda e sintá tão fundamente o que de amável, de poético e artístico há em todos os regionalismos e cousas populares de Portugal».

Prosseguindo, vamos achar a seguir, ainda em 1914 (vol. VII), dois poemas de Ronald de Carvalho («O soneto da ânfora ou a morte de Byblis» e «Ophélia») e mais textos de C. Maul, assim como uma crítica ao seu livro *Ankises*, que foi ilustrado por Correia Dias (em 1917, o artista português ilustraria os versos de estreia de Guilherme de Almeida, do livro *Nós*). E no vol. V da publicação portuguesa o estudo de Ronald de Carvalho, «O irreal na arte», sobre as exposições de Correia Dias e António Carneiro: para o crítico, Correia Dias era «um poeta de estilização subtil» e António Carneiro «talvez o mais impressionante dos artistas de hoje». Mais «Primeira ebrez», «Spleen», «Fúria» e «A hora em penumbra e cores» de Ronald, dedicada a Nuno Simões (um dos maiores embaixadores portugueses que o Brasil teve, e ao poeta Eugénio de Castro). E o conto de Lima

Barreto, «Como o 'homem' chegou».

No volume VIII (1915) um poema em prosa, «Do amor, da beleza e da vida», de Ronald de Carvalho, parte do texto de «Sangra-vida», de Gonzaga Duque, o poema «Friburgo» de Afonso Lopes de Almeida, 3 ilustrações de Correia Dias e outras tantas de C. Oswald, assim apresentado pela *Águia*: «É um moço pintor brasileiro, filho do distinto músico Henrique Oswald e discípulo do grande pintor Rodolfo Amoedo».

O mesmo C. Oswald volta a estar presente em 1916, no vol. XX, onde aparecem dois inesperados textos «Portugal e Brésil» (de Maxime Fermon) e «Aux volontaires du Portugal et du Brésil», poema de J. Ghil, aplaudindo os «volontaires de Portugal et du Brésil» que combatiam pela França contra a Alemanha de Kaiser (o poema tem a data de «Paris, 20 Mai 1915»). Há também uma «Balada» de Ronald e dois sonetos de Luís Cardim, um artigo «Portugal no Brasil» do escritor Alberto D'Oliveira e notas críticas sobre os livros *Crytaes partidos* (de Gilka da Costa Machado), *O Brasil contemporâneo* (de Simões de Carvalho), *Um sorriso para tudo* (de Álvaro Moreira), *Horto de Mágua* (de Gozanga Duque), *A morte da Emoção* (crónicas de Carlos Maul, editadas pela Renascença Portuguesa), com ilustrações de Correia Dias.

Volta Matheus de Albuquerque com os versos «Canto de Outono», no vol. X (1916), assim como Carlos Maul (poema «O Gigante desperta») e Afonso Lopes de Almeida, filho de Júlia Lopes de Almeida e do escritor e jornalista português Filinto de Almeida, que foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras com «Cantar de amigo», poema. E reproduz-se igualmente a peça *Ambiciosa*, de João Luso, pseudónimo do escritor e jornalista Armando Erse de Figueiredo, português que foi, no seu tempo, um dos mais destacados jornalistas «brasileiros».

Em 1917, assinala-se a saída de Teixeira de Pascoaes da direcção literária de *A Águia* e nesse ano reencontramos nas páginas da revista o poema «Idílio» de Luís Cardim, o conto «O libertário», dedicado pelo autor, Costa Macedo, a Filinto de Almeida, que foi redactor ou colaborador dos principais jornais brasileiros, entre os quais *O Estado de S. Paulo* (quando ainda era *A Província*). Noutro fascículo de 1917, duas notícias — uma de

protesto contra as deficiências da Embaixada do Brasil em Portugal, enquanto na outra se fazem restrições à qualidade da pintura exibida pelo brasileiro Navarro da Costa: «Nas devidas proporções, equivalem-se as duas embaixadas!...» — comentava *A Águia*.

Em 1918, uma edição traz 2 sonetos de Luís Cardim, uma breve nota sobre o livro *Nós*, de Guilherme de Almeida («São espontâneos e coloridos os versos deste jovem poeta, que canta o seu amor com enternecida simplicidade e um pouco de ingénua ironia. O volume é ilustrado pelo lápis talentoso de Correia Dias»). Há referências à *Revista do Brasil* e à *Atlântida*, é publicada a peça *A nódoa de tinta*, de Julião Machado (caricaturista português que fez escola na imprensa carioca), o conto sobre o Rio de Janeiro, «Dea Palmaris», de Celso Vieira, e outro de Alberto Amado («Charutos de Havana»), o soneto «A António Nobre», de Adalberto Marroquin, e menções e vários livros publicados no Brasil, entre os quais *Há uma gota de sangue em cada poema*, versos de Mário Sobral (de Andrade), a respeito do qual escreveu o crítico: «O Autor, que junta ao seu livro uma explicação de guerra aos germanófilos, quis inspirar-se em vários quadros da grande Catástrofe mundial para escrever os seus versos. Usou, porém, duma linguagem tão semeada de palavras duras e difíceis, que muito perdeu com isso a sua boa vontade e a sua decidida vocação para a Poesia.»

No vol. XIX, também de 1918, volta a falar-se acerca do pintor Navarro da Costa, há referências sobre as revistas *Atlântida* (Lisboa), *Americana* (Rio) e do *Brasil* (São Paulo) e noticia-se a morte de Olavo Bilac: «O Brasil acaba de perder um dos seus maiores poetas de todos os tempos, e um dos mais formosos cronistas da sua língua» embora o redactor lamenta que ela haja desdenhado, quando foi a Portugal, «a pequenina obra que a *Renascença* estava fazendo»; não obstante, enviou a *Águia* uma conferência sobre Bocage e autorizou a sua publicação em livro.

Finalmente, no vol. XVI (1919), além de um poema do maranhense Corrêa de Araújo e de várias recensões críticas de livros brasileiros, vem a notícia da fundação, no Rio de Janeiro, da Sociedade Lusobrasileira que, de acordo com a *Renascença*, fará no Brasil a máxima propaganda de tudo quanto seja português. E no fascículo seguinte outros por-

menores: «Deve ficar organizada em Janeiro de 1920, na capital do Brasil, a sociedade editora 'Luso-Brasileira', dirigida por António Sérgio e Álvaro Pinto. A nova sociedade, além de livraria, tipografia, casa editora e secções anexas, terá também um escritório de comissões e consignações para propagação de todos os bons produtos portugueses e estrangeiros». E representaria a «Renascença Portuguesa», que por sua vez trataria em Portugal dos assuntos da «Luso-Brasileira», além de anunciar a edição de autores portugueses e brasileiros. E acrescentava que *A Águia* seria publicada a cada 2 meses, em fascículos de 64 páginas, sempre com uma Carta do Rio de Janeiro, «dando notícia do movimento brasileiro que interessa a Portugal». Esclarecia ainda: «António Sérgio já está no Rio de Janeiro desde Setembro último. Álvaro Pinto parte para lá em 3 de Fevereiro próximo.»

Era o término de uma fase e o início de outra, não menos ambiciosa. Aliás, desde sempre, os fomentadores de *A Águia* e do movimento da «Renascença Portuguesa» sempre se interessaram pelo Brasil, conforme ilustra a vasta colaboração na revista de autores brasileiros, assim como os inúmeros textos de escritores portugueses sobre o Brasil.

Em carta datada de 9/XI/1951, recordava Álvaro Pinto a Jaime Cortesão (que na época vivia no Rio de Janeiro): «Em 1920, levei *A Águia* para o Brasil». E explicava que, a par dos corpos gerentes da «Renascença» no Porto, que era a sede do movimento, havia um comité em Lisboa (12 membros, entre os quais Sérgio, João de Barros, Câmara Reis, Raul Proença) e o outro no Rio de Janeiro, formado por António Austregésilo, Raul Pederneras, Coelho Neto, Rodolfo Amoedo, Emílio de Menezes, João do Rio, Correia Lima, Julião Machado, João Luso, Oscar Lopes, Abner Mourão, Roque de Carvalho, Santos Maia e Costa Macedo.

Não se referiu que o 1.º volume da 2.ª série da *Águia* (1912) abriu com os poemas «O orgulho da águia» e «Medieval» de Vicente de Carvalho, e vem assim com a novela «Atração da terra», de Coelho Neto, ao Brasil aportariam António Sérgio e Álvaro Pinto com a revista, que continuou a ter a redacção e administração no Porto, porém composta e impressa no *Anuário do Brasil*, que os dois escritores portugueses fundaram no Rio de Janeiro.

Não conseguimos localizar

nas várias bibliotecas de São Paulo e Rio de Janeiro onde fizemos esta pesquisa nenhum dos fascículos do vol. XVII de *A Águia*, mas o n.º XVIII, que abre com um artigo de Afrânio Peixoto sobre «feminismo», insere colaboração de Mário de Alencar («Carta a Carlos Magalhães de Azeredo»), D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana (sobre Alcindo Guanabara), o poema «Declínio» (de Alberto de Oliveira) e de outros autores, portugueses e brasileiros, incluindo a anunciada «Carta do Brasil», datada de Novembro de 1920 e assinada por «A. A.», onde se comentam não só «o caso dos (pescadores) poveiros», mas também um ciclo de conferências de Fidelino de Figueiredo (no Rio) e se divulgam informações sobre a imigração no Brasil, o período de 1908 a 1919: entraram 1 015 873, dos quais 386 686 portugueses, vindo a seguir os espanhóis com 212 732 e os italianos (165 709). Fala-se do lançamento na antiga Capital Federal do diário *A Pátria*, dirigido pelo jornalista-escritor João do Rio, e dão-se outras notícias sobre a actualidade brasileira.

No volume XXIV (de 1921), há que revelar a crítica ao 1.º volume dos *Ensaios*, de António Sérgio, edição do *Anuário do Brasil* e da *Renascença Portuguesa*. Transcreve-se um artigo de Ronald de Carvalho, no *Imparcial*: «O sr. António Sérgio, uma das mais vigorosas personalidades da nova geração de escritores portugueses, acaba de publicar um volume de *Ensaios*, digno da melhor atenção». Noutra passagem, acentuava Ronald de Carvalho que Sérgio conseguira demonstrar, nos seus *Ensaios*, que o ensino, «quando não é um luxo para ociosos, é apenas uma indrómia insulsa que não alimenta as forças vivas da inteligência e do carácter. A pureza, longe de educar, deturpa o espírito». E é também transcrita outra apreciação acerca dos *ensaios* sergianos, assinada por Homero Prates. A «Carta do Brasil» abriu, nesta edição com o comentário intitulado «Como Portugal deve considerar o Brasil; necessidade de um estudo sério e do encaminhamento do imigrante; o 'suicídio da colónia portuguesa' e o programa do 'rumo à terra'» (este título foi o de uma conferência de Carlos Malheiro Dias sobre o mesmo tema).

Desta fase brasileira da *Águia*, assinalam-se ainda a «Carta do Brasil» (assinada por «A.P.», com data de Junho de 1921), em que se comentam

as transformações do Rio de Janeiro, a renúncia e reeleição do senador Ruy Barbosa, a morte de João do Rio, a programação do centenário da independência, etc. Há ainda um texto de Álvaro Pinto, «Portugal-Brasil», em que se critica o jacobinismo de certos portugueses e brasileiros, apresentando o articulista o seu testemunho: «Estou há um ano no Rio de Janeiro trabalhando ao lado de António Sérgio numa empresa literária de presumíveis bons resultados luso-brasileiros».

Infelizmente, as previsões não se confirmaram: António Sérgio chegou ao Brasil em Setembro de 1919 e em 14/XII/1920 era impresso no Rio de Janeiro o 1.º volume dos seus *Ensaios*. Crê-se que ficou até 1922, tendo regressado, doente, à Alemanha, onde esteve internado numa clínica psiquiátrica da Floresta Negra, antes de voltar ao país natal. Terão os maus negócios contribuído para a doença? Sabe-se que tinha vindo a primeira vez em Janeiro de 1913 (chegou a 26) e crê-se que, por motivos de saúde, foi embora em 8/2/1914, pois há uma carta dele, datada de Nice, 4/3/1914.

Quanto a Álvaro Pinto, desembarcou no Rio em 1920, tendo regressado a Portugal em 1937. Com António Sérgio fundou o *Anuário do Brasil* — a «empresa literária» que não deu certo, financeiramente, e veio a ser correspondente do *Diário de Notícias* carioca em Lisboa. Em Portugal, dirigiu as revistas *Nova Sylva* (1907), *A Águia* (1911/1920, da qual foi o secretário da redacção), *A vida portuguesa* (1912/1915) e, mais tarde, a *Revista de Portugal* que Sérgio conseguira demonstrar, nos seus *Ensaios*, que o ensino, «quando não é um luxo para ociosos, é apenas uma indrómia insulsa que não alimenta as forças vivas da inteligência e do carácter. A pureza, longe de educar, deturpa o espírito». E é também transcrita outra apreciação acerca dos *ensaios* sergianos, assinada por Homero Prates. A «Carta do Brasil» abriu, nesta edição com o comentário intitulado «Como Portugal deve considerar o Brasil; necessidade de um estudo sério e do encaminhamento do imigrante; o 'suicídio da colónia portuguesa' e o programa do 'rumo à terra'» (este título foi o de uma conferência de Carlos Malheiro Dias sobre o mesmo tema).

É autor dos livros *Rebeldias* (1911), *O Abismo* (1915), *A nova ortografia e o desacordo reinante* (1931), *O Brasil actual* (1935) e *São Paulo, cidade vertiginosa* (1935), entre outros. Segundo um dos seus biografos, Álvaro Pinto (1889-1956) prestou «notabilíssimos» serviços à Cultura Portuguesa «com o seu labor pessoal de publicista e, sobretudo, pela sua audácia e pertinácia na publicação de revistas de verdadeira altura incondicional». Mas não foram menos relevantes os serviços prestados que, proporcionou na tarefa «de aproximação, compreensão e entendimento entre o escol brasileiro e o português em todos os domínios culturais.»